

EDITORIAL

Latente ou manifesta, escutada atentamente esta marca manifesta sua enunciação, a morte que a todos baliza, movimenta, agita em discurso o som da inquietação que produz (Marilza Carvalho, 2002)¹

Esta edição é especialmente dedicada a estimada e pujante prof^a. Marilza Izidro Vieira Pacheco de Carvalho, que apesar de não se encontrar mais entre nós, nutre nossa alma com o eco de suas palavras e postura comprometida. Psicanalista, mas sobretudo, educadora, Marilza deixou profundas marcas na construção do curso de Psicologia da FAE e na ideação da Revista PsicoFAE, acompanhou e cuidou do nascimento e amadurecimento de ambas; como uma mãe zelosa, que não receia a autonomia dos filhos e se orgulha das conquistas destes. Marilza acreditava que a Psicanálise tem lugar, voz e direito na academia e não só pode, como deve (ainda que, em si, não seja este seu *telos*), lançar luz às várias áreas de conhecimento no campo das ciências humanas e sociais. Sempre sensível às forças interdisciplinares que confluem sobre o tema da saúde mental, Marilza, influenciada também pela formação em antropologia filosófica e em estudos literários, foi fundamental na reestruturação do escopo da Revista em 2015 e no novo fôlego que esta tomou junto uma equipe renovada, acolhida carinhosamente pela professora em questão.

Marilza representa para nós a história viva desse projeto formativo na FAE, de uma Psicologia aberta à interdisciplinaridade, comprometida politicamente com uma vida social mais justa, atenta à potência da linguagem e da transmissão para a formação de sujeitos críticos, éticos e sensíveis às sutilezas da dor humana. A partir das reflexões que a própria Marilza lançou em sua dissertação “A morte na ficção literária”, cremos que esta pequena homenagem possa fazer parte de um ritual de despedida e possa nos amparar na elaboração desta ausência inexorável; que a vida que segue se valha da inspiração e das memórias desta elegante e gentil trajetória existencial: “a beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela”²

¹ Carvalho, Marilza Izidro Vieira Pacheco. *A Morte na Ficção Literária: uma Leitura Psicanalítica de memórias póstumas de Brás Cubas*. [Dissertação] Programa de Mestrado em Letras. UFPR: Curitiba, 2002. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24479/D%20-%20CARVALHO?sequence=1>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

² “Sobre a transitoriedade”, obra de Sigmund Freud publicada em 1915 e citada por Marilza Carvalho (2002).

Começamos a presente edição com a entrevista de Lidia Weber, realizada por Luana Cavicion, a respeito dos desafios, dilemas e reflexões necessários sobre a educação dos filhos na atualidade, trazendo importantes ponderações aos pais e profissionais que trabalham com a infância. Na sequência, o artigo de Graziela Sapienza e Suzane Schmidlin Lohr relata uma prática de extensão voltada à formação de professores para atuar com o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças. O artigo destaca a posição de modelo que o professor assume para as crianças, portanto, a importância de este ser capaz de reconhecer e construir um repertório de práticas educacionais positivas em prol de uma formação integral.

Com uma orientação similar, o artigo de Patrícia Faya Van Wilpe Arcega propõe uma revisão de literatura sobre a inter-relação família-escola, suas influências na educação e no desenvolvimento das crianças. A autora pondera sobre a relevância da construção de canais de participação da família no processo de aprendizagem conduzido pela escola, destacando certa corresponsabilidade.

Já o artigo “Neuropsicologia da sugestibilidade e tomada de decisão social”, de Kamilla Krasinski e Hélio Tonelli, mapeia estudos da área da neuropsicologia que analisam aspectos da sugestibilidade e suas influências sobre a percepção e o comportamento humano, implicando em tomada de decisão nem sempre consciente e/ou decorrente de uma relação precisa com a realidade. O estudo permite interessante entendimento acerca da influência social sobre a conduta humana.

Em uma vertente mais política, o artigo de Marcelo Bordin, Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Rodrigo Bueno Gusso desvela nuances históricas, ideológicas e concretas da militarização das instituições policiais, que recebem influência direta de regimes políticos. Logo, os autores nos convocam a pensar sobre o papel do Estado brasileiro na criação ou sustentação de determinadas políticas de segurança pública: a quê e para quem servem?

Os quatro últimos artigos compreendem estudos de cunho clínico, intimamente atravessados pela temática da saúde mental. Os artigos “O cuidado em saúde mental na perspectiva de profissionais de um CAPS I da Amazônia”, de Eraldo Carlos Batista, Dayane Fernandes Ferreira e Luana Karoline da Silva Batista, e “Inventário das práticas desenvolvidas por psicólogos em Centros de Atenção Psicossocial no Litoral do Paraná”, de Camila Muhl e Adriano Furtado Holanda, analisam as representações e práticas de profissionais atuantes em Centros de atenção Psicossociais (CAPS), tendo em vista que essas instituições representam um modelo substitutivo de referência em detrimento da anterior proposta hospitalocêntrica, assentada na internação-reclusão-exclusão do doente mental.

Enquanto o primeiro artigo demonstra como as práticas e representações da equipe de profissionais do CAPS são marcadas por desafios próprios à luta antimanicomial, agravados por especificidades regionais, por problemas infraestruturais, de recursos humanos e materiais, o segundo artigo inventaria práticas específicas da Psicologia, a partir da compreensão e de vivências relatadas pelos profissionais da área que atuam em um CAPS.

Por conseguinte, mediante revisão de literatura, Nicole Batista Krachenski e Emily Corrêa Oliveira, discorrem sobre a compreensão dos analistas do comportamento sobre a esquizofrenia, assim como avaliam os avanços e a estagnação no uso/criação de técnicas de tratamento da área, tendo em vista o cenário da reforma psiquiátrica. O último artigo, de Juliana Santos Lourenço, apresenta ao leitor proposições sobre os traços que caracterizam um diagnóstico clínico de paranoia a partir de um resgate teórico-conceitual na teoria psicanalítica em Freud, e seus desdobramentos em Lacan.

A revista PsicoFAE, eventualmente, faz a inserção de Seção Especial em algumas das edições, sendo ela destinada à publicação de resenhas de livros ou conteúdos afins. Nesta edição o leitor encontrará o texto intitulado “A morte como experiência da finitude”. Trata-se de uma homenagem à prof. Me. Marilza I. V. Pacheco Carvalho, escrita pelo prof. Dr. Jairo Ferrandin.

Boa leitura!

Alexandra Arnold Rodrigues, Dra.
Editor

